
DESAFIOS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA MARXISTA

CHALLENGES IN THE HISTORY OF EDUCATION UNDER THE MARXIST PERSPECTIVE

DESAFIOS DE LA HISTORIA DE LA EDUCACIÓN EN LA PERSPECTIVA MARXISTA

Maria de Fátima Rodrigues Pereira¹

Resumo: O texto desvela os desafios que a teoria marxista e sua concepção de história, em interlocução com a primeira geração da Escola Des Annales, coloca à História da Educação. Este estudo ainda ressalta o caráter ético-político da concepção de história marxista, no debate com setores pós-modernos. Também, apresenta o compromisso revolucionário e emancipatório dessa perspectiva para a pesquisa e o ensino da História da Educação.

Palavras-chave: marxismo; concepção revolucionária; desafios; emancipação; história da educação.

Abstract: The text reveals the challenges that the Marxist theory and its conception of history, in interlocution with the first generation of The Annales School, puts to the History of Education. This study also highlights the ethical-political character of the conception of Marxist history, in discussion with postmodern sectors. It shows as well the revolutionary and emancipatory commitment of this perspective to the research and teaching of the History of Education.

Keywords: marxism; revolutionary conception; challenges; emancipation; history of education.

Resumen: El texto revela los desafíos que la teoría marxista y su concepción de la historia, en interlocución con la primera generación de la Escuela de Annales, pone a la Historia de la Educación. Este estudio también resalta el carácter ético-político de la concepción de la historia marxista, en la discusión con sectores posmodernos. Además, presenta el compromiso revolucionario y emancipatorio de esta perspectiva para la investigación y la enseñanza de la Historia de la Educación.

Palabras clave: marxismo; concepción revolucionaria; desafíos; emancipación; historia de la educación.

Introdução

Foi precisamente Marx que descobriu a primeira grande lei, segundo a qual todas as lutas históricas, quer se processem no domínio político, religioso, filosófico ou qualquer outro domínio ideológico é efetivamente a expressão mais ou menos clara da luta de classes, lei em virtude da qual a existência destas classes, e, portanto também as suas contradições são, por seu lado, condicionadas pelo grau de desenvolvimento da sua situação económica, pelo seu modo de produção e troca, esta determinada pela precedente. (ENGELS, 1885)².

Este texto centra esforços no desvelamento dos desafios que o marxismo coloca à História da Educação, no cenário dos debates atuais, tanto no que diz respeito à pesquisa quanto ao ensino. Para se

cumprir esta tarefa, incursiona-se no campo teórico do marxismo e nos debates que suscita, para se tecerem inferências para a investigação e ensino da História da Educação.

Marxismo: uma teoria crítica e revolucionária da história

A epígrafe acima, referente à obra de Karl Marx – *O 18 de Brumário de Luis Bonaparte*, considerada um bom exemplo da análise histórica na perspectiva marxista, remete a considerar que todas as práticas humanas, incluindo a educação, a produção de conhecimento, são históricas e são animadas das lutas que os homens travam entre si pela posse dos meios de produção da vida e do poder para a condução da existência social.

Esta visão é uma contribuição do marxismo que teve em Marx e Engels seus fundadores e desde o século XIX até hoje vem recebendo contribuições que em muito ajudam a entender o complexo, difícil e nublado mundo que vivemos e, portanto, a superá-lo, uma vez que para o marxismo trata-se da superação das relações que limitam a existência para todos os homens.

Essa construção teórica foi elaborada a partir das contribuições mais avançadas na época: a filosofia alemã, portanto, o sistema filosófico formulado por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1777-1831) e seus discípulos. Essa elaboração teórica implicou, portanto, a superação do idealismo e do materialismo de Feuerbach; a economia política clássica inglesa, as formulações de Adam Smith e David Ricardo que lançaram as bases da teoria do valor trabalho, e, o socialismo utópico de Pierre-Joseph Proudhon. Afinal, as três fontes: a filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês, “o que de melhor a humanidade criou no século XIX” (LENINE, 1971, p.70).

É do conhecimento dos que estudam a obra dos pais do marxismo, Karl Marx (1817-1883) e Friederich Engels (1820-1895) que em 1843, após a interdição do Jornal, - *Rheinische Zeitung* -, publicado na cidade de Colônia, Alemanha, ligado a burgueses liberais, no qual Marx trabalhava como redator chefe, Marx, continuando sua luta contra o Estado prussiano, iniciando trabalho de revisão crítica de tudo o que existia.

Marx, inicialmente, se impôs o estudo crítico da obra Georg Wilhelm Friedrich Hegel e de seus discípulos, entre os quais Ludwing Feuerbach, Bruno e Edgar Bauer, David Strauss, Max Stirner, August Cieszkowski, Moses Hess, chamados hegelianos de esquerda.

Dando cumprimento a este objetivo, em 1843, em Kreuznack, Marx dedicou-se à leitura da obra de Hegel – *Filosofia do Direito*- e a produzir a sua *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, na qual iniciou seu distanciamento do mestre Hegel e seus discípulos.

Tratou de refletir, à luz da realidade histórica e do contexto de disputa pelo espólio intelectual de Hegel, questões importantes, nomeadamente a origem do Estado, da sociedade civil, as relações entre os interesses particulares e comuns, individuais e gerais, entre os interesses dos homens enquanto constituintes da sociedade civil e o Estado, o método de conhecimento do real e sua transformação, a emancipação humana.

A despeito das polémicas históricas sobre o jovem Marx e suas obras de juventude, entende-se que Marx iniciou, então, revisão das questões do seu tempo, empreendimento que contou, em especial, com os estudos de Ludwig Feuerbach e seu materialismo. “Contra o pensamento especulativo, [de Hegel] Feuerbach levanta a realidade imediata da natureza humana, realidade evidente e segura em si mesma, já plenamente determinada, que não precisaria do recurso logista da mediação para existir” (FREDERICO, 2009, p. 29).

Nesse processo, “atravessado pelo inferno da dúvida e pelo fogo do combate com as questões da sua época” (FREDERICO, 2009, p. 11), Marx fez sua mudança de residência de Kreuznack, onde “com o ar daqui ganha-se uma mentalidade de escravo” e “tudo é reprimido pela força” (FREDERICO, 2009, p.52), para Paris.

Ali, em 1844, transcorrido um ano após a *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, já em contato com a economia política, o debate sobre o socialismo e o movimento operário, Marx publicou nos *Anais Franco-Alemães*, revista dirigida por Ruge, cujo projeto era, também, o do combate ao Estado prussiano, dois artigos, um intitulado *Sobre a questão judaica* e o outro *Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução*, este redigido entre dezembro de 1843 e janeiro de 1844.

Nesta obra - *Introdução*, Marx, pela primeira vez fala na “figura histórica do proletariado como força motriz da emancipação humana” (SAES, 1998, p.63). Expressa, então, ali, o início da teoria da luta de classes, a superação da visão ingênua, formal, idealista, da formação das sociedades e do Estado moderno.

Considerado um texto programático, afirmativo “a *Introdução*, embora, também, apresente um apelo revolucionário, [como em 1848 o Manifesto Comunista], permanece ainda voltada para a problemática feuerbachiana da emancipação humana, [que implicava a questão religiosa e o ateísmo], constituindo-se assim numa espécie de manifesto humanista a serviço da superação social da auto alienação” (FREDERICO, 2009, p. 103).

Diz Marx sobre o trabalho investigativo e finalidade de caráter comprometido com a emancipação humana: “A crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem os suporte sem fantasias ou consolo, mas para que lance fora os grilhões e a flor viva brote” (MARX, 2009 p.146).

Não se trata, portanto, de elocubrações desinteressadas, sobre vidas e homens etérios. O homem não é como em Feuerbach um ser natural, imune às tempestades da história e da política, aparece para Marx de forma diferente, histórico, real, o “homem é para o homem o ser supremo”.

Marx, “indo além de Feuerbach, desloca-se para o campo da política, entendendo que a ‘luta contra a religião é indiretamente, a luta contra esse mundo que lhe dá seu aroma espiritual’; por isso, a ‘Crítica do céu se transform assim em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do Direito, a crítica da teologia em crítica política” (FREDERICO, 2009, p. 104).

Assim, Marx, confere ao conhecimento, no caso aqui em pauta, à pesquisa histórica da prática social que é a educação e seu ensino, caráter ético-político, ao afirmar:

É certo que a arma da crítica não pode substituir a crítica das armas, que poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria converte-se em força material quando penetra as massas. A teoria é capaz de se apossar das massas ao demonstrar *ad hominem*, e demonstra-se *ad hominem* logo que se torna radical. Ser radical é agarrar as coisas pela raiz. Mas, para o homem, a raiz é o próprio homem (MARX, 2009, p.151).

Marx e Engels encontraram - se em Paris no ano de 1844, onde Marx estava desde 1843. Engels vinha de sua estadia na Inglaterra que lhe possibilitou aproximar-se do proletariado compreender a sua situação, relatá-la e perceber o caráter de resistência e expor suas projeções da iminência da revolução social: “*A revolução tem que vir obrigatoriamente, já é muito tarde para encontrar uma solução pacífica para o conflito*”; (ENGELS, 1986, p.331). Fortes, já eram, então, os sinais da organização do proletariado, a ponto de Engels tirar estas conclusões. A respeito da importância da obra *A Situação da Classe Operária na Inglaterra*, Lenine diria, em 1913, quando da elaboração de uma brochura para o dicionário Granat:

“Nós já salientamos o principal mérito de Engels como autor desta obra! Antes dele já muitos tinham descrito os sofrimentos do proletariado, Engels, porém foi o *primeiro* a afirmar que o proletariado *não somente* constitui uma classe que sofre, mas que a situação vergonhosa em que se encontra o impele irresistivelmente para a frente e obriga-o a lutar pela emancipação final”. (LENINE, 1971, p.59).

Foi nessa estada em Paris que Marx e Engels tornaram-se comunistas convictos, tomando contato direto com os principais teóricos do movimento, tais como Moses Hess, Witling e Proudhon. Além desse contato teórico, foi em Paris que iniciaram diálogo com a classe operária, frequentando suas reuniões parisienses, particularmente as da Liga dos Justos (uma associação de artesãos proletarizados), cujo programa dava ênfase especial à supressão da propriedade privada e ao retorno para o comunismo primitivo (SÁ; LOMBARDI; PEREIRA; PEIXOTO, 2009).

A partir de então, uma intensa comunhão de vida, produção teórica e posição política vai uni-los durante as suas existências. O primeiro trabalho em conjunto de Marx e Engels foi *A Sagrada Família: Crítica de uma Crítica Crítica*, publicado em fevereiro de 1845, e que teve por objetivo analisar as consequências políticas do neo-hegelianismo (SÁ; LOMBARDI; PEREIRA; PEIXOTO, 2009).

Já de posse de todo esse cabedal teórico e compromisso com a classe trabalhadora, em meio ao ano de 1845, Engels e Marx encontram-se em Bruxelas, para onde este tinha mudado sua residência. Ali, deram início à elaboração da obra *A Ideologia Alemã. Crítica da Filosofia Alemã na pessoa dos seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas*, onde expressaram a elaboração de uma nova e revolucionária concepção de história que conta com os seguintes pressupostos:

1. A causa primeira (questão ontológica) de tudo o que existe não são as ideias, os conceitos, mas a matéria, os fatos materiais, a empiria. A respeito, assim se expressaram Marx e Engels (1974): “Até agora, os homens formaram sempre ideias falsas sobre si mesmos, sobre o que são ou deveriam ser. [...] Libertemo-los portanto das quimeras, das ideias, dos dogmas, dos seres imaginários cujo jugo os faz degenerar”.

Esta primeira característica da concepção revolucionária de história coloca à pesquisa da História da Educação o desafio para a superação das explicações do processo histórico pela ação dos heróis, das grandes

ideias, da intervenção divina, do destino naturalizado, a exigência do levantamento de quantidade substantivo de dados do real.

Mas, a concepção marxista da história, se por um lado exige o levantamento objetivo do real, implica que se dê conta do movimento desse real, que é “medularmente contraditório” (NETTO, 1998, p. 55). Conta, portanto, que esse segundo pressuposto, a contradição:

2. Sendo o homem, ontologicamente, um ser social e prático que pelo trabalho modifica sua existência, nas relações que trava com os outros homens e a natureza e as sociedades sistemas de relações humanas contraditórias, seu conhecimento implica o princípio da contradição para compreendê-las na sua estrutura e funcionamento.

O princípio da contradição, para o marxismo, decorre da presença das classes sociais com seus interesses antagônicos, cujas lutas tencionam o processo das relações de produção da vida.

Nesta perspectiva, conhecer e ensinar História da Educação implica superar o mundo das aparências. O desafio é ler para além do mundo fenomênico, ir no perquirir das relações de produção a divisão social do trabalho, a posse dos meios de produção da vida, entre os quais a cultura, a educação escolarizada, as técnicas e princípios que as regem, a ciência, o poder político e suas definições e rumos históricos, seus sistemas de ensino, instituições, práticas educativas e a quem eles servem.

Essa concepção revolucionária da história aparece nas posteriores obras de Marx, entre outras: no *O 18 de Brumário*, na *Miséria da Filosofia*, é retomada na *Introdução à Crítica da Economia Política* que possibilitou a Marx fazer o estudo do modo de produção capitalista, em *O capital. Crítica da Economia Política*.

A concepção de história marxista impõe, atualmente, desafios, à pesquisa e ensino da História da Educação, aos educadores e a todo aquele que têm compromisso com os desvelar do difícil mundo que vivemos e sua transformação emancipatória, aos que necessariamente não se fecham ao debate, antes buscam interlocução com todos, os que de boa vontade, ainda tem um projeto para o futuro da humanidade, como os que se fundamentam na Escola Des Annales, sobretudo no legado da primeira geração.

Marxismo e interlocuções sobre História

Pode-se, ainda, contar para este tema dos desafios que o marxismo coloca à História da Educação, com contribuições de campos de estudo que dialogam bem com esta perspectiva, referimo-nos, especialmente à Escola Des Annales na sua primeira geração que fez o combate a favor de uma História problema, superadora da visão positivista, a favor de uma História do passado em relação ao presente, de longa duração, da análise da conjuntura, aberta ao debate com outras ciências, uma História, sobretudo, que sem abdicar da objetividade, assume que nenhum estudo é neutro, nem o pesquisador tem o direito de o ser, portanto, o estudo compromissado com o homem situado no seu tempo.

Retomam-se aqui essas achegas.

Marc Bloch, morto pela Gestapo em 1944, fundador junto com Lucien Febvre da Escola Des Annales, em 1929, no texto celebre – Introdução à História, escrito em 1941 – em resposta a pergunta de um menino “Pai, diga-me lá para que serve a história” (BLOCH, 1976, p.11) reputa de início, a legitimade da pesquisa e ensino da história, ao seu poder de distração, pois, se “julgássemos a história incapaz de outros serviços, seria certamente possível alegar em seu favor que ela distrai” (Ibidem, p. 13), também ao seu poder de exercer sedução quase universalmente sentida, ao seu poder de proporcionar prazeres estéticos. “É que o espetáculo das actividades humanas, seu objeto particular, é acima de qualquer outro, de natureza a seduzir a imaginação dos homens” (Ibidem, p. 14).

Tendo como veículo a revista Annales d’ Histoire Economique e Sociale esta primeira geração Des Annales fez o enfrentamento com o positivismo e sua história relato de batalhas, dos fatos biográficos, da vida dos heróis, defendeu, produziu e divulgou uma história social, dos fenômenos humanos coletivos, buscou aproximação com a matemática, a geografia, a sociologia, buscou compreender e explicar as estruturas de longa duração, as conjunturas e os eventos nas ações humanas.

Ao deleite e aos prazeres estéticos, Des Annales somou a ciência e seu fazer de ofício, afinal o compromisso que tem toda a ciência em ajudar todos os homens a viver melhor, projeto, hoje, tumultuado pelo avanço de forças conservadoras que em suas frentes na política, pesquisa, ensino fazem um arrastão do mundo para o vazio, só preenchido pelas mercadorias cuja produção e consumo molestam o homem e a natureza.

Neste cenário, de poucos debates, antes de posições entricheiradas, os detratores da História que rebaixam seu estuto epistemológico, sejam aqueles que a desprezam por a entenderem somente como atividade de curiosos, sejam aqueles que a temem, como certos setores pós-modernos, como também as elites burguesas, por a consireram perigosa às suas atividades, ao promoverem seu ocultamento, na pesquisa e ou no ensino, lutam para que não a façamos, pois ao final o que lhes interessa é a defesa do presentismo.

Mas pode a humanidade abdicar do futuro?

Contra a desconsideração da História que nos parece uma posição caduca, pela ausência de qualquer projeto emancipatório para a humanidade, não há que defender a História para a elucidação e mudança do real e a organização das ações para tal? Não está nessa posição pós – moderna as razões para a crise de esvaziamento que o pensamento ocidental vive, bem como para a expansão das explicações míticas, das ilusões, da fuga e expansão paar as saídas religiosas, “ao mesmo tempo expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real”? (MARX, 2009, p. 145).

Se dos pais fundadores da Escola Des Annales, Marc Bloch e Lucien Febvre, veio o combate por “uma história mais longa e humana”, dos pais do marxismo, Marx e Engels ganhou-se a concepção de uma história revolucionária, de mundança social e da luta de classes, esperançosa no futuro.

A concepção de história marxista é ontologicamente materialista, gnosiologicamnte contraditória e axilologicamente engajada na emancipação humana. Para perquiri-la há que levar em conta que “Os homens

fazem a sua história, mas não a fazem arbitrariamente, nas condições escolhidas por eles, mas antes sob condições directamente herdadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 1975, p. 13), ainda que “a aparência não é descartada, não é secularizada, mas ela tanto revela quanto oculta a essência”. Donde, partir da aparência, ponto da observação imediata significa partir da factualidade e a ela retornar, após elaboração pela mediação abstrata o que possibilita a consciência crítica e prática revolucionária da vida.

Considerações finais

À semelhança de Marc Bloch que em posição de autocrítica enterrogava, em tempos de nazismo e facismo: “Fomos sempre bons cidadãos”? (DOSSE, 1994, p.64), também se pergunta em tempos de barbárie e violência da mesma ordem capitalista que originou e justificou os governos de Adolf Hitler e Benito Mussolini: fomos sempre bons pesquisadores e professores? Esta interrogação remete aos compromissos éticos – políticos com a superação dos desvalimentos da grande maioria da humanidade que conta com a revolucionária concepção de teoria da história marxista e com a esperançosa construção de sociedades comunistas.

Referências:

- BLOCK, M. *Introdução à História*. Mira/Sintra: Publicações Europa América, 1976.
- DOSSE, François. *A história em Migalhas, dos Annales à nova história*. São Paulo: Ensaio, 1994.
- ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1986.
- FREDERICO, C. *O Jovem Marx. 1843-1844: as origens da ontologia do ser social*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- LENINE, V; K. Marx; ENGELS, F. In: LENINE, V. *As três fontes*. Vila da Feira: S. Martins, 1971.
- MARX, K. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- MARX, K. *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*. Coimbra: Centelha, 1975.
- MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Lisboa: Editorial Presença; Martins Fontes: Brasil, 1974.
- NETTO, J. P. Relendo a Teoria Marxista da História. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J.L. *História e História da Educação: O debate teórico – metodológico atual*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SÁ, K. O; LOMBARDI, J. C; PEREIRA, M; R., PEIXOTO, E. M. A Categoria Modo de Produção na obra “A Ideologia Alemã”, de Marx e Engels: implicações para a educação e os estudos sobre o lazer. *Motrivência*, Florianópolis, Ano XXI, n. 32/33, p. 352-374, jun./dez. 2009.
- SAES, D. *Estado e Democracia: ensaios teóricos*. Campinas: Unicamp, 1998.

Notas:

¹ Professora do PPGEEd, mestrado e doutorado, da Universidade Tuiuti do Paraná, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa MHTLE/HISTEBR, Líder do Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Políticas Educacionais. Email: maria.pereira@utp.br

² Prefácio de Friedrich Engels para a terceira edição alemã do Dezoito de Brumário de Luís Bonaparte, 1885.

Recebido em: 12/2012

Publicado em: 06/2013.